

O verso aliterativo nórdico antigo: duas traduções do *Rúnatal* (*Hávamál* 138-145)¹

Théo de Borba Moosburger (PGET-UFSC)
vryopolitis@gmail.com

Resumo: O presente artigo parte de uma breve apresentação sobre o verso islandês antigo, mais especificamente do metro éddico *ljóðaháttir*, encontrado no poema anônimo *Hávamál*, e em seguida são executadas duas traduções, uma em verso heróico tradicional da língua portuguesa (decassílabos), outra numa tentativa de reprodução do verso do original. As duas traduções são analisadas, e discutem-se questões que dizem respeito à *letra*, em termos bermanianos, atentando-se para as possibilidades que cada uma das versões dadas oferece e em que medida cada uma consegue e não acolher a *letra* do original.

Palavras-chave: Versificação; tradução de poesia; poesia islandesa.

Abstract: The present paper starts with a brief presentation of Old Icelandic verse forms, specially the Eddic metre *ljóðaháttir*, which is seen in the anonymous poem *Hávamál*. Two translations are then made, one in the traditional Portuguese heroic verse, and the other within an attempt of reproducing the original verse form. Both translations are analyzed, with questions concerning the *léttre* (according to Antoine Berman) being discussed. Special attention is paid to the possibilities that each given version offers and to which extent each one of them can and cannot shelter the original work's *léttre*.

Key-words: Versification; translation of poetry; Icelandic poetry.

1. A poesia islandesa antiga

Frequentemente encontramos os termos “nórdico antigo” e “islandês antigo” (em inglês, respectivamente, *old Norse* e *old Icelandic*) como sinônimos intercambiáveis, quando a referência é a literatura medieval que compreende as diversas sagas, a Edda em prosa, de Snorri Sturluson, a Edda poética (os poemas mitológicos e heróicos, anônimos, preservados no manuscrito *Codex Regius*). O fato é que quase tudo o que há de grandioso na literatura escandinava medieval foi escrito na Islândia ou por islandeses. Mais recentemente, tem-se usado em inglês a designação *Old Norse-Icelandic*, com a qual se quer deixar transparecer o fato de que essa literatura islandesa medieval, cujos temas são escandinavos num sentido mais amplo, transcende as fronteiras de uma “literatura nacional”, no sentido moderno, mais restritivo, do termo. Para os islandeses, contudo, essa literatura é *forníslenskar bókmenntir* (literatura islandesa antiga). Stefán Einarsson observa, com relação às origens da poesia islandesa medieval:²

Os colonizadores islandeses trouxeram consigo da Noruega não apenas uma velha unidade familiar, mas também uma nova mentalidade viking. Ambas essas vozes são ouvidas em tudo o que foi escrito na Islândia medieval. Os noruegueses trouxeram consigo até a Islândia também duas espécies de poesia: poemas éddicos e poesia de corte. Não há nenhuma dúvida com relação ao fato de essas duas formas poéticas haverem sido norueguesas, e assim se poderia razoavelmente partir para uma discussão sobre a sua origem apenas na história da literatura norueguesa. Mas isso seria difícil de fazer, pois os poemas éddicos foram preservados apenas na Islândia, ao passo que a poesia de corte, que também só foi preservada na Islândia, logo se tornou especialidade dos islandeses, até mesmo na Noruega. (1961, p. 2).³

Se as sagas são um gênero literário desenvolvido nos séculos XII, XIII e XIV, a poesia islandesa, nas suas variantes mais importantes, é mais antiga do que o período de estabelecimento da tradição letrada na Islândia. O letramento e a utilização da escrita para fins literários na *Ultima Thule* – mais especificamente a utilização do alfabeto latino e do pergaminho – são uma consequência direta da cristianização do país, que se deu no ano 1000. Há textos em idioma vernáculo a partir do século XII; antes disso, a produção “literária” islandesa, que tinha suas origens em grande medida na tradição oral viking levada à ilha pelos colonos noruegueses dos séculos IX e X, conforme acima observado, era oral. Como observa Gunnell (2005, p. 83), essa poesia, que agora só existe em forma de texto, “originalmente era destinada a ser recebida oral e visualmente, em performance, e não em leitura solitária”.⁴

A produção poética islandesa medieval pode ser dividida em dois grupos bastante distintos: a poesia (de caráter narrativo) mitológica, heróica e didática, denominada “poesia éddica” (em islandês *eddukvæði*, poesia da Edda, pois está quase toda ela preservada na Edda poética, compilação anônima de c. 1270), e a poesia heróica dos poetas de corte da era viking – os *skáld* –, a chamada “poesia escáldica” (em islandês *dróttkvæði*, poesia de corte). Trata-se antes de dois grupos que de gêneros poéticos propriamente ditos. Aparentemente, a poesia escáldica é resultado do processo de submissão a regras rígidas de versificação da antiga tradição popular, que remontava a um período germânico comum, ou seja, anterior à diferenciação étnica dos povos germânicos do norte, do leste e do oeste, que se deu durante a migração dos povos:

A forma métrica da poesia narrativa sobre deuses e heróis, bem como da poesia didática, parece ter sido a mesma em todo o mundo germânico: uma linha em que há quatro batidas (beats) fortes e em que determinadas sílabas tônicas aliteram umas com as outras. (ÓLASON, 2006, p. 3).⁵

A poesia éddica e a poesia escáldica apresentam ao menos um traço formal comum: os versos aliterativos. Mas as diferenças são grandes. A poesia éddica é por

natureza “poesia narrativa”; nesse sentido, ela pode ser caracterizada como épica, como os poemas de Homero, se bem que infinitamente mais fragmentária que estes, constrói-se com enunciados mais claros do que os da poesia escáldica, sem muitas inversões sintáticas; seus temas abarcam narrativas cosmológicas, aventuras de deuses do antigo panteão nórdico e de heróis míticos, principalmente do ciclo de Sigurðr, matador do dragão Fáfnir, também narrado na *Saga dos Volsungos*.

A poesia escáldica, por sua vez, não é sempre narrativa, apesar de descrever fatos bélicos; tem, por vezes, um tom mais epigramático, laudatório, é mais individual (conhecemos nomes de poetas de corte, diferentemente do que se dá com os criadores anônimos da poesia éddica), e apresenta profusão de *kenningar* (pl. de *kenning*, tipo específico de imagem poética dessa tradição). Sobre a poesia escáldica, ver Whaley (2005) e Ólason (2006, pp. 27-43).

Mas a definição de “poesia éddica”, em oposição a “poesia escáldica”, não deve obscurecer a enorme heterogeneidade e a multiplicidade de origens da primeira:

O termo “poesia éddica” cobre essencialmente aqueles “poemas” (conforme podemos chamá-los por ora) transmitidos de forma anônima e que tratam dos mitos ou do mundo heróico dos países Nórdicos e fazem uso dos metros ljóðahátt, fornyrðislag ou málahátt [...]. Este é um agrupamento bem compreendido pela maioria dos acadêmicos como um meio para distinguir essas obras da poesia escáldica, mas é também um pouco enganador, porque, entre outras coisas, a classificação generalizada tende a obscurecer a variedade e individualidade das obras em questão. (GUNNELL, p. 82).⁶

No presente artigo não caberia uma introdução à poesia islandesa que ultrapassasse os parágrafos acima; para tal, remeto o leitor aos textos introdutórios, em inglês, de Vésteinn Ólason (2006), Terry Gunnell (2005), Russell Poole (2005) e Diana Whaley (2005), os quais, por sua vez, apontam para uma bibliografia especializada. Interessa-nos, para o presente estudo, a métrica da poesia éddica, e, em especial, do poema *Hávamál*, da Edda poética.⁷ Para um sumário dos poemas éddicos, ver Gunnell (2005, pp. 84-92).

Os metros predominantes na poesia éddica são (como já dito na citação de Gunnell, acima) o *fornyrðislag*, o *málahátt* e o *ljóðahátt*. Sobre o *ljóðahátt* mais diremos a seguir; por ora vejamos, resumidamente, como são os dois primeiros.

Fornyrðislag (verso de palavra antiga) e *málahátt* (verso de fala) são, para Stefán Einarsson (1961, p. 42), variantes de um mesmo modelo, descendentes do antigo verso germânico longo (de dois hemistíquios).

Em ambos, o conceito básico estrutural é a existência de versos curtos, de número de sílabas relativamente variável, mas com dois acentos cada um e letras iniciais aliterantes em palavras acentuadas. No *fornyrðislag* o número de sílabas átonas é muito mais reduzido que no *málahátr*, um verso mais longo e flexível.

As aliterações no início de palavras e em pontos estratégicos do verso cumprem, neste tipo de poesia, uma função comparável à da rima (seria uma espécie de *rima de início*, *upphafsrí*m, segundo Stefán Einarsson – p. 43), já que estrutural, e não ornamental, e podemos entender o fenômeno como um *sistema aliterativo*: repetição, em determinadas sílabas tônicas do verso, e no início de palavras,⁸ da mesma consoante; dos encontros consonantais *sp*, *st*, *sk*; de vogais ou ditongos iniciados por *j*.

O metro *fornyrðislag* apresenta normalmente uma estrofe de oito versos curtos em par, ou quatro versos longos divididos em hemistíquios por cesura, dependendo da disposição gráfica da edição; a primeira letra da primeira sílaba acentuada do segundo verso do par (ou do segundo hemistíquio do verso longo, na disposição visual com cesura) apresenta aliteração com uma ou com as duas primeiras letras das sílabas fortes do primeiro verso do par (ou do primeiro hemistíquio). Esse metro apresenta similaridade com o verso anglo-saxônico encontrado no poema *Beowulf*, com a peculiaridade de se construir em estrofes (sobre o verso anglo-saxônico, ver RAMALHO, 2007, pp. xviii-xxiv).

O metro *ljóðahátr*, por sua vez, que se aproxima parcialmente do *fornyrðislag*, é uma forma versificatória exclusiva da poesia islandesa (EINARSSON, 1961, p. 45). Apresenta um par de versos curtos, com dois acentos em cada par (ou, novamente, um verso longo com dois hemistíquios divididos por cesura, com dois acentos em cada hemistíquio), e aliteração de letras iniciais (similar ao *fornyrðislag* até aqui), seguido então de uma linha um pouco mais longa, esta com três acentos principais e letras aliterantes próprias:

Ljóðahátr difere de todos os demais metros islandeses antigos, na medida em que tem uma estrutura de três partes, e não de duas. Primeiro há dois meios versos aliterantes, que lembram os do fornyrðislag, exceto pelo fato de que o primeiro deles em particular pode ser comprimido em até duas sílabas. Estes são seguidos por um “verso cheio”, com uma cesura que não é ditada metricamente; ele contém duas ou até três sílabas plenamente acentuadas, junto com, tipicamente, um acento secundário, como nos exemplos acima. (POOLE, 2005, p. 269).⁹

A estrofe do *ljóðahátr* costuma ter 06 versos, três longos com cesura e dois hemistíquios, com quatro acentos, e três médias, com três acentos (ou nove linhas, seis

curtas, três médias); o número de versos, porém, pode variar. É neste esquema métrico que foi composta a maioria das estrofes do *Hávamál*, a respeito do qual mais veremos no item que se segue. Mas note-se: é frequente, na poesia éddica, encontrarem-se no mesmo poema estrofes em esquemas métricos diferentes, e, assim, há algumas estrofes do *Hávamál* que não se conformam ao esquema *ljóðahátr*.

Os poemas éddicos provavelmente eram cantados e encenados; predomina neles o discurso direto. No caso dos poemas em verso *ljóðahátr*, praticamente o *corpus* inteiro se apresenta ou na forma de diálogo ou de monólogo, a exemplo do *Hávamál*.

Muitos dos versos neste metro, assim, podem ser de fato remanescentes de uma espécie de poesia ritual pagã (GUNNELL, 2005, pp. 95-7). Além disso, os metros apresentavam a possibilidade grande de acréscimo de sílabas átonas (POOLE, 2005, p. 275), o que é de suma importância para uma compreensão da sua enunciação:

A distribuição livre de sílabas tônicas, aliada à aliteração de palavras importantes, torna os versos da poesia éddica muito diferentes dos versos modernos: ao invés de modificarem e regularizarem o ritmo da língua falada, como a maioria dos versos de tempos posteriores fazem, os metros éddicos o exageram e o tornam mais estacado. (ÓLASON, 2006, p. 5).¹⁰

Com isso em mente, verbalizamos o original e engendramos, dentro das possibilidades materiais do português, qual seria uma dicção capaz de acomodar esse tom, ou qual seria o meio para forçar os alicerces da língua de chegada e enxertar nela algo do sistema poético do original. Vejamos, primeiro, o texto original, para em seguida vislumbrarmos uma e outra possibilidade de tradução.

2. *Hávamál* 138-145, o *Rúnatal*, e seu sistema de aliterações

Um dos principais poemas éddicos preservados para a modernidade é o *Hávamál* (“Os ditos de Alto”, i.e., de Odin). O poema, longo, com suas 164 estrofes, é composto principalmente no metro *ljóðhátur* (ver item anterior). Acredita-se que ele seja um amálgama de poemas menores, originalmente independentes (cf. GUNNELL, 2005, p. 85). Justifico a escolha do trecho 138-145, conhecido como *Rúnatal* (Lista das Runas), com o que diz Vésteinn Ólason:

As estrofes 138-41 estão entre as mais interessantes do poema. Nelas, Odin descreve como adquiriu sabedoria, runas e mágica através de um simbólico sacrifício de si para si, dependurando-se, ferindo-se e jejuando. Durante as nove noites (e dias) em que

ficou pendurado, ele visitou o mundo dos mortos. Dificilmente se pode duvidar da origem pagã e xamanística desta poesia. (ÓLASON, 2006, p. 16).¹¹

Vejam os versos no original (NECKEL, 1983, pp. 41-42), com as sílabas aliterantes destacadas em *itálico*:¹²

- 138 *Veit ec, at ec hecc vindgameiði á*
 nætr allar nío,
 geiri undaðr oc gefinn Óðni,
 siálfr siálfom mér,
 á þeim meiði, er mangi veit,
 hvers hann af rótom renn.
- 139 *Við hleifi mic sældo né við hornigi,*
 nýsta ec niðr;
 nam ec upp rúnar, æpandi nam,
 fell ec aptr þaðan.
- 140 *Fimbullióð nío nam ec af inom frægja syni*
 Bölþors, Bestlo föður,
 oc ec drycc of gat ins dýra miðar,
 ausinn Óðreri.
- 141 *Þá nam ec frævaz oc fróðr vera*
 oc vaxa oc vel havaz;
 orð mér af orði orðz leitaði,
 verc mér af verki vercs leitaði.
- 142 *Rúnar munt þú finna oc ráðna stafí,*
 miöc stóra stafí,
 miöc stinna stafí,
 er fáði fimbulþulr
 oc gorðo ginregin
 oc reist hroptr rögna,
- 143 *Óðinn með ásom, enn fyr álfom Dáinn,*
 Dvalinn dvergom fyrir,
 Ásviðr iotnom fyrir,
 ec reist siálfr sumar.
- 144 *Veiztu, hvé rísta scal, veiztu, hvé ráða scal?*
 veiztu, hvé fá scal, veiztu, hvé freista scal?
 veiztu, hvé biðia scal, veiztu, hvé blóta scal?
 veiztu, hvé senda scal, veiztu, hvé sóa scal?
- 145 *Betra er óbeðit, enn sé ofblótið,*
 ey sér til gildis giof;
 betra er ósent, enn sé ofsóit.
 Svá Þundr um reist fyr þjóða rök;
 þar hann upp reis, er hann aptr of kom.

Vejam os versos mais detidamente a primeira estrofe. No primeiro verso, as sílabas tônicas do segundo hemistíquio são *vind-* e *á*; a letra “v”, aqui, está compondo o sistema de aliterações com *Veit*, primeira sílaba forte do primeiro hemistíquio. No segundo

verso, temos três sílabas fortes: *nætr*, *al-*, *ní-*, em que a repetição da consoante “n” compõe o sistema de aliterações. As demais sílabas ou têm acento secundário, ou são fracas. O terceiro verso da estrofe é novamente uma linha longa composta por dois hemistíquios, dos quais cada um possui duas sílabas fortes: *gei-*, *un-*; *gef-*, *Óð-*.

Novamente, a primeira sílaba forte do segundo hemistíquio tem sua letra inicial apoiada na aliteração com a primeira sílaba tônica do primeiro hemistíquio. O quarto verso repete a estrutura do segundo, apresentando três sílabas fortes, e a letra “s” repetida em *sálf/siálfom*. No quinto verso, a primeira sílaba forte do segundo hemistíquio está em aliteração com a segunda sílaba forte do primeiro (*meiði/mangi*), e, por fim, o último verso da estrofe reproduz o esquema do segundo e do quarto, apresentando três sílabas fortes, e repetição de letras iniciais em duas delas (*rótom/renn*).

Pode-se ter também aliteração da primeira sílaba do segundo hemistíquio com ambas as sílabas fortes do primeiro, como vemos nos terceiro e quarto versos da estrofe 141. Observe-se também que o esquema estrófico não é o mesmo em todo o trecho apresentado.

3. Uma tradução em verso heróico de língua portuguesa

A primeira das duas indagações que contrapuz no último parágrafo do item 01 quer saber qual seria o esquema métrico próprio da língua portuguesa adequado à tradução de um poema éddico. Adianto-me com uma primeira resposta: certamente não há apenas um, porquanto os poemas éddicos não constituem um grupo homogêneo, nem mesmo estamos em condições de fazer uma interpretação absolutamente certa e segura acerca de seu contexto de produção e recepção original, e logo de seu “tom”.

Contudo, os versos islandeses acima são a fala do deus Odín, e muito provavelmente sua recitação envolvia um alto grau de veneração, ao menos em tempos pagãos (os tempos em que cremos ter sido plasmada a obra), muitas gerações antes do anônimo redator do manuscrito de c. 1270. O universo narrado na Edda é divino e heróico, superior ao mundo dos homens contemporâneos. O tom dos versos é solene, ora mais, ora menos.

Há algum gênero poético existente em língua portuguesa que possa ser facilmente comparado com os versos éddicos? Não exatamente. O *Hávamál* é um poema gnômico, religioso, inserido dentro de uma tradição oral de poesia narrativa.

Poderíamos optar por versos curtos, na medida em que o verso original é curto (ao menos o são suas unidades básicas, os hemistíquios). Mas o verso curto islandês pouco evoca do que evoca o verso curto português. Em nossa língua, versos de poucas sílabas se prestam mais à poesia amorosa, infantil, jocosa etc., enquanto no islandês versos curtos, de prosódia estacada, podem ter um tom solene e grave.

O verso de dez sílabas, consagrado em nossa língua como o metro épico por excelência (usado, é verdade, também em outros gêneros), no qual Camões redigiu os *Lusíadas*, Odorico Mendes verteu Homero e Virgílio, no qual os poemas épicos brasileiros *Uruguai* e *Caramuru* foram elaborados, teria a vantagem de prestar-se “à expressão de todas as ideias” e ser o metro português “susceptível da maior variedade” (BILAC & GUIMARÃES, 1944, p. 65).

Para acolher os enunciados da *Lista das Runas* em decassílabos, algumas acomodações devem ser levadas a cabo na estrofe, e assim o número total de versos por estrofe é reduzido. As aliterações, que no original constituem a medula do sistema versificatório, adquirem aqui caráter ornamental. É digna de nota, neste ponto, a recente tradução do *Beowulf* para nossa língua (RAMALHO, 2006), que nos apresenta os versos ingleses antigos vertidos em decassílabos (com padrão acentual pouco ortodoxo) repletos de efeitos aliterativos.

Vejamos como poderíamos ter, por fim, a *Lista das Runas* em decassílabos:

- 138 *Estive pendurado nove noites
na árvore açoitada pelos ventos,
por lança trespassado e dado a Odin
eu mesmo, a mim mesmo, naquela árvore
que nenhum homem sabe de onde brota.*
- 139 *Com pão não me abençoaram, nem com chifre,
olhava para baixo; e então tomei
as runas eu tomei vociferando,
de lá tombei de novo depois disso.*
- 140 *Encantamentos nove eu aprendi
daqueles filhos célebres de Boltor,
o pai de Bestla; e foi-me dado então
beber do hidromel caro de Odreri.*
- 141 *Depois revigorei-me e fiz-me sábio,
cresci e logrei ter maior poder;
dito buscava dito de meu dito,
obra buscava obra de minha obra.*
- 142 *Runas tu hás de encontrar e letras lidas,
letras mui grandes, letras mui robustas,
e pelo grande sábio desenhadas*

*e pelos grandes deuses engendradas,
e pelo Hropt divino entalhadas.*

- 143 *Entre os ases Odín, e entre os elfos
Dáinn, e Dvalinn diante dos anões,
e diante dos gigantes está Ásvid,
e eu próprio talhei algumas delas.*
- 144 *Sabes como entalhar, tu sabes ler?
Sabes como traçar, sabes testar?
Sabes como pedir, como imolar?
Sabes sacrificar, sabes matar?*
- 145 *Melhor é não pedir que imolar muito,
sempre o regalo atenta ao pagamento;
melhor sem sacrifício que matança.
Assim à gente diva Thund talhou;
lá, de onde retornou, ele se ergueu.*

Ressalto que não se trata de uma tradução com caráter filológico (para tal, ver Larrington, 1996), uma vez que o foco central aqui é a “forma do verso”. A submissão de enunciados a um sistema métrico, seja ele qual for, sempre restringe as escolhas lexicais e a ordenação sintática. Não há espaço aqui para executar uma análise detida de todos os versos, mas desejo apontar para um dado crucial: muitas dessas alterações impostas pelo tradutor ao conteúdo semântico dos enunciados, à ordem de palavras, topicalizações etc., poderiam ser observadas à luz da analítica da tradução e da sistemática da deformação de Antoine Berman (2007, pp. 45-62), não estivéssemos atentos à ressalva que o próprio teórico francês faz, de que essa analítica “só concerne às forças deformadoras que se exercem no domínio da „prosa literária“ (romance, ensaio, cartas etc.)” (p. 46). Suas razões, ele confessa, são devidas a um dado pessoal: sua experiência com tal tipo de tradução; e a um dado mais objetivo: tal tipo de tradução ainda não recebeu a atenção devida. Lembrando-nos do que Berman comenta, algumas dezenas de páginas antes, no mesmo livro, sobre a “estrutura aliterativa dos provérbios” (pp. 15-6), inferimos o quão diferente pode ser uma análise das tendências deformantes da letra num texto versificado! A tal dado, muitos não têm dado a devida atenção, contrapondo à de Berman arrojadas teorias de tradução poética como sendo elas muito menos normativas.

E assim, partindo justamente desse ponto de vista, proponho uma tradução “estrangeirizante” do poema islandês, em que se busca reproduzir parcialmente o “jogo dos significantes” (BERMAN, 2007, p. 16) do poema islandês medieval.

4. Uma tradução em versos aliterativos

Quando transplantamos um sistema métrico de uma língua para outra, é mister observar se o metro da língua de partida se baseia em algum dado fonético que seja próprio dessa língua, e se esse dado fonético existe também na língua de chegada. Um exemplo conhecido e já muito discutido é o da métrica clássica grega e latina em relação às línguas européias modernas: no grego clássico e no latim, havia sílabas longas e sílabas breves, e acento tonal, sendo o seu sistema métrico baseado nessa natureza fônica, ao passo que línguas como o português, o francês, o espanhol, o grego moderno, o italiano, o romeno etc. possuem sílabas tônicas e átonas, sem distinção de tom e duração (ao menos não em nível fonológico), de modo que a metrificação nessas línguas se baseia no princípio de contagem de sílabas e sucessão de tônicas e átonas.¹³ E com relação ao islandês medieval? Certamente a sua natureza fonética é diversa da portuguesa. Mas e o sistema métrico em questão, está ele baseado em algum dado fonético que inexistente em nossa língua?

Este experimento de traduzir em português o verso aliterativo nórdico antigo não é executado aqui pela primeira vez. Num trabalho anterior, tive a oportunidade de traduzir versos éddicos (MOOSBURGER, 2009), quando tentei dar prioridade ao efeito aliterativo, sem, contudo, recriar na língua de chegada o sistema de aliterações, o elemento estrutural do verso éddico.

Com relação à poesia anglo-saxônica, por outro lado, a qual, conforme apontado acima (ver item 01), apresenta similaridade estrutural no que diz respeito à aliteração em par e aos hemistíquios com duas sílabas fortes intercaladas por sílabas fracas em número variável, possuímos no Brasil alguns trabalhos dignos de menção. Além da tradução de Ramalho (2007), acima comentada, sei da existência de uma dissertação de mestrado em que se propõe uma recriação do verso aliterativo em português, observando suas peculiaridades estruturais (ROBERTI, 2006).

Se no islandês as letras que aliteram estão no início de palavras, o caso não é fortuito, e não deve ser transplantado à língua portuguesa sem que se observe uma radical diferença anímica entre as duas línguas: o islandês tem a tônica recessiva, ou seja, a primeira sílaba das palavras costuma ser a sílaba tônica; em português, porém, o acento não cai sempre na primeira sílaba das palavras (costuma cair na penúltima). O que importa, no verso islandês, é a aliteração nas sílabas fortes do verso.

Vejam os resultados, com as aliterações destacadas e uma indicação para elevação de sílabas na declamação¹⁴ (é necessário aqui um treinamento para a leitura estacada):

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| Num tronco ventoso eu estava suspenso por nove inteiras noites, por dardo ferido e dado a Odin, eu mesmo imolado a mim mesmo, naquela árvore que os homens não sabem seu cepo de onde insurge. | -/--/- --/--/ -/--/- -/--/- -/--/ -/--/--/ -/---- -/--/ -/--/- |
| Com pão ou chifre amparo não me deram olhava atento à terra; tomei as runas gritando as tomei tombei de lá abaixo. | -/--- -/---/ -/--/- -/--- -/--/ -/--/- |
| Feitiços nove fortes do filho nobre aprendi, de Bolthor, pai de Bestla, e pude sorver o válido hidromel orvalhado de Ódrerir | -/---/- -/----/ -/--/- -/--/ -/---/ /-/-- |
| Senti-me avigorado e ganhei sabedoria cresci e fiz-me excelso dito me dava dito de outro dito, obra me dava obra de outra obra. | -/---/- --/---/ -/--/- /----/ /-/ /----/ /-/- |
| Runas acharás e letras aclaradas letras mui largas letras mui lautas que o grão sábio traçou, os soberanos geraram, Hropt divino gravou. | /---/ -/---/ /--/ /--/ --/--/ ---/--/ --/--/ |
| Odin com os ases, pelos elfos, Dáinn; Dvalinn pelos anões; Asvid pelos gigantes; e eu talhei umas. | -/---/- -/---/ /----/ /----/ -/---/- |
| Sabes como lanhar, sabes como ler? Sabes como traçar, sabes como testar? Sabes como implorar, sabes como imolar? Sabes como despachar, sabes como destruir? | /----/ /---/ /----/ /----/ /--(-)/- /--(-)/-/ /---\-/ /---\-/ |
| Melhor não rogado que muito imolado galarções quer sempre a dádiva; melhor não abafer que muito matar. Isso gravou Thund antes dos primórdios; lá levantou-se, e então retornou. | -/---/- -/---/ --/---/- -/---/- -/---/ /---/ /----/ /--/- -/---/- |

Cabe a pergunta: quão descaracterizado fica o sistema métrico, uma vez que em poucos casos conseguimos reproduzir a coincidência da aliteração na sílaba tônica do verso e na letra inicial de palavra? Seria a sílaba inicial tão vital quanto a sílaba tônica, na medida em que cria paralelismos? As palavras aliterantes, no original, ficam como que emolduradas pelas sílabas iniciais salientadas pelo sistema aliterativo.

Note-se que na penúltima estrofe não foi possível reproduzir a aliteração nas sílabas tônicas, mas elas foram dadas na sílaba inicial das palavras, o que preservou o efeito paralelístico entre os verbos arrolados pelo vate.

5. Considerações finais

Não caberia ao próprio tradutor, autor dos versos aqui apresentados, avaliar os méritos e os deméritos estéticos das duas traduções; uma tal avaliação só pode ser feita por terceiros. Parece-me, contudo, que os resultados até aqui obtidos, quanto à recriação do sistema versificatório islandês antigo, confrontam o tradutor com uma dificuldade bastante grande, porquanto o português e o islandês são idiomas de naturezas fonéticas muito diversas. O efeito poético logrado com a tradução em versos aliterativos não parece inteiramente satisfatório, comparado ao original (o que, porém, pode dever-se a imperícia do tradutor).

Com o experimento do verso aliterativo, porém, abre-se uma possibilidade para explorar um tipo de versificação em nossa língua, e, quiçá, com experiência acumulada e um maior número de exemplos, seja possível estabelecer normas e princípios para um sistema métrico baseado na aliteração também em português.

Outras possibilidades de tradução, naturalmente, são viáveis. Uma delas seria compensar a perda dos paralelos aliterativos com a criação de rimas. Tal tática, contudo, tem ao menos duas desvantagens: primeiro, na própria tradição poética islandesa, existe um gênero (mais tardio que os poemas éddicos, é verdade) de poesia rimada, as *rímur*, e assim teríamos uma descaracterização do gênero poético traduzido, o verso éddico, pois a tradução remeteria a outro; em segundo, e não de todo independente das consequências do primeiro ponto acima mencionado, é o fato de que a inserção de rimas poderia transformar os poemas duros e encoraçados da Edda em versos leves, na medida em que se usassem metros breves (de quatro a seis sílabas) a fim de reproduzir a extensão original dos hemistíquios de dois acentos.

Poder-se-ia também abrir mão de uma reprodução do sistema aliterativo original, para apenas buscar, dentro das possibilidades dos esquemas métricos de língua portuguesa apropriados, efeitos de assonância e aliteração, como constatado no trabalho de Ramalho (2007), e como busquei fazer, com versos livres, nos trechos poéticos encontrados dentro da *Saga dos Volsungos* (2009).

Não há nem pode haver uma receita para a tradução poética; talvez esses dois caminhos possíveis que trilhei nas duas versões apresentadas possam servir como modelos ou pontos de partida para futuras traduções de poesia islandesa antiga. Parece-me, contudo, que a tradução em versos aliterativos, ainda que não tenha atingido um resultado regularmente satisfatório, e apesar das diferenças de natureza entre as línguas de partida e de chegada, diferenças essas que impõem algumas restrições ao transplante do sistema métrico, mostra-se mais fiel à letra do original, na medida em que explicita no texto traduzido um universo poético estranho ao leitor da língua de chegada, propondo “*abrir* o Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua” (BERMAN, 2007, p. 69 – destaque do autor).

Referências

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

BILAC, Olavo & PASSOS, Guimaraens. **Tratado de versificação**. 8ª. edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944.

EINARSSON, Stefán. **Íslensk Bókmenntasaga 874-1960**. [Reykjavík:] Snæbjörn Jónsson & Co. H. F., 1961. [História da literatura islandesa 874-1960.]

GUNNELL, Terry. Eddic Poetry. In: McTURK, Rory (ed.). **A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture**. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2005, p. 82-100.

LARRINGTON, Carolyne (translated with an introduction and notes by). **The Poetic Edda**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MOOSBURGER, Théó de Borba (tradução, introdução e notas). **Saga dos Volsungos**. São Paulo: Hedra, 2009.

McTURK, Rory (ed.). **A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture**. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2005.

NECKEL, G (ed.). Edda. **Die Lieder des Codex Regius Nebst Verwandten Denkmälern**. I. Text. (5a. edição revisada por Kuhn, H.) Heidelberg: Carl Winter – Universitätsverlag, 1983.

ÓLASON, Vésteinn. Old Icelandic Poetry. In: NEIJMANN, Daisy (Ed.). **A history of Icelandic literature**. Lincoln & London: University of Nebraska Press, 2006, pp. 1-64.

POOLE, Russell. Metre and Metrics. In: McTURK, Rory (ed.). **A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture**. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2005, p. 265-284.

RAMALHO, Erick (Tradução, introdução e notas). **Beowulf**. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.

ROBERTI, Gláuco Micsik. **A Batalha de Maldon. Tradução e Aliteração**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestrado em Letras. São Paulo: USP, 2006.

WHALEY, Diana. Skaldic Poetry. In: McTURK, Rory (ed.). **A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture**. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2005, p. 479-502.

¹ Este texto foi apresentado na disciplina da PGET “Tradução de Poesia”, ministrada pelos professores Walter Carlos Costa (a quem agradeço pelas sugestões) e Sônia Queiroz (UFMG), no segundo semestre de 2009.

² Todas as traduções de citações são de minha autoria. Os originais são fornecidos em notas.

³ *Íslenskir landnámsmenn höfðu með sér úr Noregi eigi aðeins fornfálega ættarsamheldni heldur og nýjan hugsunarhátt víkinga. Báðar þessar raddir tala úr öllu, sem skráð var á Íslandi í fornöld. Norðmenn höfðu og með sér til Íslands tvennskonar skáldskap: Eddukvæði og dróttkvæði. Enginn efi er á því, að báðar þessar skáldskapargreinir voru norskar, því mætti til sanns vegar færa að ræða uppruna þeirra aðeins í norskri bókmenntasögu. Það væri þó tæplega framkvæmanlegt, því Eddukvæðin geymdust aðeins á Íslandi, en dróttkvæðin, sem líka geymdust aðeins á Íslandi, urðu brátt sérgrein Íslendinga, jafnvel í Noregi.*

⁴ [...] *was originally meant to be received orally and visually in performance rather than read privately.*

⁵ *The metrical form of narrative poetry about gods and heroes, as well as of didactic poetry, seems to have been the same all over the Germanic world: a line in which there are four strong beats and in which certain stressed syllables alliterate with each other.*

⁶ *The term „eddic poetry” essentially covers those anonymously transmitted „poems” (as we may call them for the moment) that deal with the myths or heroic world of the Nordic countries and make use of the ljóðahátt, fornryðislag or málahátt metres [...]. This is a grouping well understood by most scholars as a means of distinguishing these works from skaldic poetry, but it is also somewhat misleading, not least because the generalized classification tends to obscure the variety and individuality of the works in question.*

⁷ Note-se que há uma confusão terminológica, conquanto “poesia éddica” não é necessariamente o conjunto de poemas preservados no manuscrito *Codex Regius*; há versos em alguns outros manuscritos, e alguns poemas registrados dentro de sagas lendárias (as *fornaldarsögur norðurlanda*), como a Saga dos Volsungos, que não estão na obra intitulada *Edda poética*.

⁸ O acento das palavras islandesas é recessivo, e assim a sílaba tônica é sempre a primeira.

⁹ *Ljóðahátt differs from all other Old Icelandic metres in that it has a three-part rather than a two-part structure. First come two alliterating half-lines resembling those of fornryðislag, except that the first of them in particular may be compressed to as few as two syllables. These are followed by a „full line” with no metrically dictated caesura; it contains two or even three fully stressed syllables along with, typically, a secondary stress, as in the examples above.*

¹ *The free distribution of stressed syllables coupled with the alliteration of important words makes the lines of Eddic poetry very different from those of modern verse: instead of modifying and regularizing the rhythm of the spoken language, as most verse of later times does, the Eddic meters exaggerate it and make it more staccato.*

¹ *Stanzas 138–41 are among the most interesting in the poem. Here, Odin describes how he acquired wisdom, runes, and magic through a symbolic sacrifice of himself to himself by hanging, wounding, and fasting. During his hanging for nine nights (and days), he visited the world of the dead. The pagan and shamanistic origin of this poetry can hardly be doubted.*

¹² Estão destacadas as letras que perfazem o sistema aliterativo explicado no item 2; há, ocasionalmente, outras aliterações, assonâncias, rimas internas etc., que devem ser encarados como ornamentos poéticos.

¹³ Não cabe aqui estender a discussão acerca da métrica clássica grega e latina e sua reprodutibilidade no português, pois suscitei o caso em caráter ilustrativo; aponto, contudo, para as traduções de Homero executadas por Carlos Alberto Nunes com hexâmetros baseados em tônicas e átonas. Um texto ainda não publicado, de um colega meu, discute a utilização desse metro (GONÇALVES, R. T. *O hexâmetro dactílico de Carlos Alberto Nunes*. texto ainda não publicado). Sobre esse assunto, em inglês remeto à *Introduction II*, de T. F. Higham IN: HIGHAM, T. F. & BOWRA, C. M. *The Oxford Book of Greek Verse in Translation*. Oxford: Clarendon Press, 1938, pp. xxxiii-cviii.

¹⁴ O sinal / marca sílaba forte, - sílaba fraca.